

EMEF/EJA Oziel Alves Pereira

Projeto Afro – MST: África – Negra – Mãe - Mulher...

Diretora: Maria Odila Gerlin - **Vice Diretora:** Gisele C. Figueiredo **O. Pedagógica:** Ana R. Mobilon

Responsáveis: Wilson Queiroz wilsonq@terra.com.br Sergio Casimiro e Daniela Caetano.

Caros e Caras

É com imenso prazer que o nosso InformÁFRICATIVO deste mês alça voo pelo vasto campo da comunicação humana e suas particularidades. Do mesmo modo, é essencial preponderar sobre as relações sociais estabelecidas entre quem fala, o que fala, para quem fala e porque o faz. Neste ínterim, alguns temas possíveis para a compreensão de determinados fenômenos acerca do processo lingüístico serão suscitados de forma a promover uma reflexão mais ampla no que se refere à linguagem enquanto fator de identidade e pertencimento social, assim como ao preconceito lingüístico e ao silêncio, como meio de omitir os conflitos decorrentes das diferenças entre os seres.

“Não adianta querer, tem que ser, tem que pá,
O mundo é diferente da ponte pra cá
Não adianta querer ser, tem que ter pra trocar,
O mundo é diferente da ponte pra cá”.

(Racionais MC's)

Convite.

Bom eu sou Mirian Cristina Lima Moreira – 6ºE. O Preconceito não é uma coisa legal, muito pelo contrário é chato e muito feio. Eu escrevo essa mensagem para que todas as alunas e alunos não pratiquem o Bullying, pois não é legal.

Uma Imagem...

Todo leite é branco. Todo sangue é
vermelho. E quem tem alma é humano!

Caio Fabio



QUEM CALA CONSENTE.

Daniela Santos Caetano – Professora de Português

A sociedade brasileira foi constituída sobre as bases de uma suposta democracia racial, na qual, brancos, negros e indígenas gozariam das mesmas igualdades de direitos e qualidade de vida. Contudo, as idéias provenientes do imaginário coletivo de que no Brasil não há racismo ou que todas as formas de pertencimento étnico- racial são tratadas da mesma maneira, há muito caiu por terra, haja vista que ainda hoje, em pleno século XXI, o preconceito de cor é facilmente observado nas relações mais simples e cotidianas.

Basta parar e se indagar?

Quantos apresentadores, atores, atrizes, jornalistas negros (as) são encontrados (as) nos grandes veículos televisivos do país com papéis e funções de destaque, sem que os estereótipos negativos em torno do ser negro sejam deflagrados?

Quantas vezes, você já presenciou situações em que a cor de pele, ou o cabelo crespo, fossem utilizados como ofensa pessoal?

Você tem o cabelo ruim!

Mas desde quando cabelo tem índole?

Pessoas podem ser boas ou ruins, cabelo não.

Conte nos dedos quantas pessoas negras com profissões de grande prestígio social você conhece? Dentistas, médicos, juizes, advogados, professores, políticos, diretores, gerentes de lojas, entre outros...

O racismo perdura e se desenvolve nas mais diferentes esferas sociais e sua principal arma, ainda é o silêncio daquele que sofre, que vê, que sente e nada diz a este respeito.

O silêncio da escola sobre as dinâmicas das relações raciais tem permitido que seja transmitida aos (as) alunos (as) uma pretensa superioridade branca, sem que haja questionamento desse problema por parte dos (as) profissionais da educação e envolvendo o cotidiano escolar em práticas prejudiciais ao grupo negro. Silenciar-se diante do problema não apaga magicamente as diferenças, e ao contrário, permite que cada um construa, a seu modo, um entendimento muitas vezes estereotipado do outro que lhe é diferente. Esse entendimento acaba sendo pautado pelas vivências sociais de modo acrítico, conformando a divisão e a hierarquização raciais.
MEC/SECAD

Portanto, silenciar os conflitos gerados nas instituições escolares, além de preservar as estruturas vigentes e suas práticas, acaba por gerar tensões que em situações limiares serão manifestadas pelo viés emocional, onde a agressividade, o desinteresse pelas aulas e as dificuldades de aprendizagem poderão emergir em alunos com nenhum comprometimento cognitivo.

Mas como abordar um assunto tão delicado como este?

Não há receitas mágicas. Educar, aprender e se relacionar são vivências pautadas no diálogo, no respeito e na habilidade de tentar se colocar no lugar do outro quando preciso. Logo no prefácio de Educação Como Prática de Liberdade de Paulo Freire, Pierre Furter nos redimensiona para uma práxis pautada no diálogo que assume um caráter norteador para tal questionamento:

Primeiro que as palavras não sejam mais ocas. Que não se esconda com o verbalismo, o vazio do pensamento; com o formalismo, a mentira da incompetência; e com o beletismo, o cinismo da descrença tão característicos das elites no poder. A autenticidade na fala implica a crítica radical de uma situação *aparentemente* democrática (...). Ao contrário, o cristão militante que é Paulo Freire se permite de falar em liberdade, em democracia ou em justiça, porque crê nestas palavras e no seu poder

libertador na medida em que *encarnam* sua fé inteira, com todas as suas conseqüências, até as mais concretas. Só então a palavra em vez de ser veículo das ideologias alienantes e/ou de uma cultura ociosa tornar-se-á *geradora*, isto é, o instrumento de uma transformação global do homem e da sociedade.

No entanto, falar com autenticidade pode ser uma mera pregação no deserto. Em particular, para o pedagogo, a ausência ou a passividade dos *com* quem pretende dialogar é a prova máxima do seu fracasso. Então que pensar de uma educação que admite o escândalo de um povo silenciado, marginalizado e imerso na passividade? (FREIRE, Paulo. Educação como prática da Liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967. MEC/SECAD. Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais. 1. ed. Brasília: SECAD, 2006)

Estudando com as funcionárias da escola.

Reunimos com as funcionárias terceirizadas e efetivas da cozinha e de apoio da escola, no dia 11.04.2013, às 13h30min e começamos um diálogo sobre as questões dos estudos da História e Cultura Africana, e elas colocaram alguns pontos de vista sobre a temática. Entregamos para cada uma cópia do Estatuto da Igualdade Racial, Da Lei Maria da Penha e da Nova Lei das Empregadas Domésticas. A conversa foi muito proveitosa, em breve publicaremos os registros das nossas conversas. Agradeço a cada uma que disponibilizou parte do seu tempo de trabalho para nos ensinar e possibilitar saber o que elas pensam, e sentem a respeito do tema e de como elas vivenciam essa discussão.

Todo dia é dia de Índio.!?

Uma reflexão sobre os primeiros povos que habitaram o Brasil e que no mês de abril é marcado com o dia 19 de abril.

Duas Línguas

(Algemiro da Silva - Karai Mirin, Alessandro Mimbi da Silva – Vera Mirim, entre outros)

Vivi muitos anos com a língua entortada, porque fui obrigado a falar palavras estranhas de uma outra língua.

Queriam que eu falasse uma língua que eu não falava, que eu dissesse o que não dizia, que eu calasse o que sabia. Por isso, durante muito tempo fiquei emudecido.

A língua presa, travada, reprimida. A palavra entalada na garganta, o não-dito. Tentaram tirar de mim aquilo que havia guardado como um tesouro: a palavra, que é o arco da memória. Diziam que me faltava inteligência, porque antes de gaguejar as palavras certas eu tinha de pensar, duas vezes, numa língua estranha.

O tempo passou. Agora, tenho duas línguas. Uma língua nasceu comigo, no colo da minha mãe. É a língua que expressa a alma guarani. É a língua do tekoha, da opy, onde as palavras se abrem em flor e se convertem em sabedoria, as belas palavras, *nhe'en porãngue'í*, palavras indestrutíveis, sem mal, *ayvu marã'ey*.

O nome que tenho, foi ela quem me deu na cerimônia do Nhemongarai.

É nela que ouço as divinas palavras do maino'í. Com ela nomeio as plantas, as flores, os pássaros, os peixes, os rios e as pedras, o sol e a chuva, a roça e a caça. Com ela, faço soar o mbaraka, aspiro o pityngua, danço xondaro, canto pra Nhanderu e rezo nhembo'é. Bebo kaguy, como avaxi e jety, aprendo jopói e potirõ, tudo isso com ela eu faço: rio e choro, rezo e canto. Com ela, eu sou o que falo: guarani.

CRIANÇAS INVISÍVEIS – Fragmentos

As alunas e alunos dos 7º C, D e E assistiram no dia 22.04.2013 ao vídeo *Crianças Invisíveis* e logo em seguida elaboraram um registro escrito sobre a temática do vídeo. Segue abaixo alguns fragmentos dos registros.

“O que chamou minha atenção no vídeo foi as crianças com armas na mão como se fossem adultos”(Gabriele Elias – 7ºD)

“Eu acho que Bullying é uma pessoa humilhando a outra, batendo em outra pessoa que não reage e se cala” – Gabriele Elias – 7º D

“Eu acho o racismo uma coisa muito feia”(Reinaldo – 7º D)

“Quando é racismo ou preconceito eu fico na minha. Mas quando é bullying eu reajo me defendendo.”
Diego H. A. Carneiro – 7º D)

“O que chamou minha atenção foi um menino mais ou menos do meu tamanho com uma arma na mão, mas que também sabia ler e escrever.” Luciano S. Soares – 7º D)

“Acho que posso ajudar a saber que você não pode ter preconceito com as pessoas. Podem ser pretas, azul, lilás. Mas ela sempre vai ser igual por dentro.” Anderson Mateus – 7º D

“Se eu fosse vítima de Bullying eualaria para meus pais e não ligaria. Mas se fosse outra pessoa ia tentar ajudar e a mesma coisa se fosse o preconceito e o racismo. Pra mim o importante é a pessoa não ligar e não guardar para si. Niulyf Gomes de Lima – 7º D

“Eu não converso e ninguém da minha família comenta. Mas se aparece na TV eu e minha família comentamos e falamos que isso tem que parar, pois é crueldade e não se pode fazer isso so porque a pessoa é diferente...(Niulyf Gomes de Lima – 7º D)

“Chamou a minha atenção porque a maioria dos vídeos as crianças não estavam na escola, nem estudavam e tem gente que nem paga uma escola e fica destruindo.

Me comoveu também a criança japonesa que perdeu o seu avô por causa de um lápis e eu aqui jogando lápis enquanto dá para usar. O Brasil que eu vejo é um Brasil violento e que não sabe valorizar o que tem.”

“Eu acho que Bullying, Preconceito e Racismo é tudo a mesma coisa e acho uma falta de educação, porque por fora somos todos diferentes, mais por dentro somos todos iguais.”Iana dos Santos das Neves – 7º D.)

“O que mais me chamou a atenção, foi perceber que as crianças não frequenta a escola e sabe ler e escrever e fazer contas’ (Esdras – 7º D

“O que chamou a atenção no filme, foi saber que não só no Brasil, mas em outros países acontece maus tratos com as crianças e também racismo, preconceito e bullying.(Vitor – 7ºD)

“Eu entendi foi que os pais dos meninos morreram na guerra, eu acho, e os meninos trocaram seus brinquedos para pegar em armas e agora desde meninos eles entrou no mundo do crime.” Bianca Cristina Alves – 7º D)

“O bullying é quando as pessoas bate umas nas outras. Preconceito é quando as pessoas não gosta das outras. Racismo é quando as pessoas xinga a outra de preto, gordo e outras coisas. Everson – 7º D

“Eu ajo pedindo para ele não xingar o outro. Mas e se ele continuar eu digo que vou denunciar ele.”Everson 7º D

“O vídeo falou sobre os africanos, os ciganos, os japoneses, os brasileiros e outros países.(Everson – 7ºD)

Acompanha um exemplar do Estatuto da Igualdade Racial.